

RESUMO DA SEMANA - 11 a 15/06

Só para manter o mesmo tom: tivemos semana agitada e de grande volatilidade nos principais mercados de risco. Além disso, muita expectativa com relação às decisões de bancos centrais de países desenvolvidos. Internamente, investidores preocupados com o segmento político, com a atuação do Bacen em relação ao câmbio e também com o vencimento do índice futuro para o prazo junho.

Do lado político, muita agitação com a pesquisa do Datafolha divulgada no final de semana com a liderança do ex-presidente Lula, que está preso, e Marina Silva ganhando expressão no segundo turno. Porém, neste momento reafirmamos que as pesquisas ainda não têm muito valor. Mas, em compensação, houve muita agitação de pré-candidatos para tentar formar coligações regionais e majoritárias, grande pesquisa de vice-presidentes que poderiam atrair votos e muita movimentação do centro-direita para tentar formar uma chapa única de peso, capaz de seguir para o segundo turno.

A percepção geral é de que continuou ruim para candidatos que apoiam reformas e ajustes na economia. O fato de pré-candidatos não explicitarem suas prioridades têm deixado investidores nervosos e isso teve influência decisiva no comportamento do dólar no segmento local. Aliás, durante a semana, o Bacen fez várias intervenções no mercado de câmbio com operações de swap cambial, mas não logrou sucesso em reduzir a volatilidade e valorização do dólar. A atuação do Bacen continuou coordenada com atuação do Tesouro nacional em títulos públicos.

Na cena econômica, começamos a semana com a pesquisa Focus bem mais pessimista, a inflação em alta para 3,82% em 2018 e PIB encolhendo para 1,94%. A perspectiva é que ainda piore nas próximas divulgações. A produção industrial caiu na previsão do ano para 3,51%. Positivo mesmo só o superávit na balança comercial que cresceu pouco para US\$ 57,15 bilhões. O saldo da balança comercial acumulado até 10 de junho estava em US\$ 25,1 bilhões.

O IBGE divulgou sua estimativa de safra 2018 do mês de maio em 225,1 milhões de toneladas de grãos, em queda de 5,2% sobre o ano anterior. O mesmo IBGE anunciou as vendas no varejo de abril em alta de 1,0%, acumulando expansão no ano de 3,4%. O varejo ampliado registrou alta de 1,3% e expansão no ano de 7,4%. Destaque para o segmento automotivo que no comparativo contra abril de 2017 mostrou expansão de 36,5%. Bom desempenho no volume de prestação de serviços de abril. O mês foi beneficiado por mais três dias em relação a março e a preocupação dos investidores ficou localizada no mês de maio, que deve ser bem afetado pela greve dos caminhoneiros.

Com relação aos reflexos da greve, houve relato de queda acentuada dos fretes, pois não se consegue chegar a um acordo sobre o tabelamento, e com muitas críticas do setor agropecuário. O ministro Fux deu 48 horas para que o governo Temer se posicione sobre isso. O Relatório Prisma de previsões veio negativo, mas o índice IBC-Br (espécie de prévia do PIB) mostrou abril em expansão de 0,46% e n ano com +1,55%.

No mercado, as ações líderes foram muito pressionadas (Petrobras, bancos e Vale), um pouco por conta do vencimento e da fuga de recursos de investidores estrangeiros do segmento à vista (maior presença compradora em derivativos). Até a sessão de 12 de junho, os investidores estrangeiros já tinham sacado no mês R\$ 3,66 bilhões, engrossando a fuga do ano de 2018 para R\$ 7,68 bilhões.

No segmento internacional, a situação esteve mais tranquila. O encontro de Trump com Kim Jong-Un em Cingapura foi bem recebido na comunidade internacional, apagando parte da má impressão de Trump no encontro do G-7. Kim aceita desnuclearizar a Coreia do Norte e Trump suspendeu exercícios militares com a Coreia do Sul. Enquanto não forem desmobilizadas instalações na Coreia do Norte, os EUA manterão sanções.

Na China foram anunciados dados de conjuntura de maio. Com a produção industrial desacelerando anualizada para 6,8%, as vendas no varejo para 8,5% e formação bruta de capital nos cinco meses de 2018 crescendo 6,1%. O investimento estrangeiro no país é que cresceu para US\$ 9,06 bilhões (+ 11,7%). Aparentemente temos desaceleração na China, mas o governo já toma postura de expandir o crédito.

Durante o período, várias reuniões de bancos centrais importantes. O FED, como previsto elevou os juros em 0,25% para o patamar de 1,75%/2,00%, mas foi bem mais enfático em indicar mais duas altas ao longo de 2018, encerrando possivelmente o ano no patamar de 2,25%/2,50%. A expectativa de inflação pelo PCE foi ampliada de 1,9% para 2,1% e desemprego caindo ainda mais para 3,6%. O comunicado foi seguido por coletiva do presidente Jerome Powell mostrando a economia firme e sinalizando que aceitam inflação acima da meta por algum tempo, o que significa manter a política gradualista de alta dos juros.

O BCE (BC Europeu) manteve a política monetária estabilizada com taxa de depósito negativa em 0,40% e refinanciamento zero. Mario Draghi presidente disse que ainda é necessário estímulos e vão manter a compra de ativos de 30 bilhões de euros mensais até setembro, declinando para 15 bilhões até dezembro. Ressaltou que os juros vão ser mantidos até pelo menos o verão de 2019, mas depende do comportamento dos indicadores macroeconômicos. O Japão manteve política inalterada com taxa de depósito negativa em -0,10% e avaliação positiva da economia e inflação para meta de 2,0%. Os mercados reagiram a essa informação com fortalecimento do dólar.

Outro trauma dos mercados ficou por conta da lista de tarifação americana sobre produtos provenientes da China (1.102 produtos) com tecnologia industrial significativa, seguida da promessa de retaliação pela China na mesma medida. Pode ser início de guerra comercial ou pelo menos de constrangimento do comércio internacional. Nos EUA, tivemos a produção industrial encolhendo 0,1%, o índice de atividade industrial de NY subindo para 25,0 pontos (previsão era 18,0 pontos) e vendas no varejo com +0,8% em maio. A confiança do consumidor de Michigan subiu para 99,3 pontos em junho.

RESUMO DA SEMANA

Ibovespa	70757 (-3,00)
Dow Jones	0,89
NASDAQ	+1,32
Dólar	+0,73 (R\$ 3,73)

PERSPECTIVAS

Copa do Mundo correndo em horário comercial e mercados funcionando plenamente, mas isso não deve suavizar as tensões dos investidores. O quadro promete ser novamente de estresse, com os agentes testando o Bacen em sua capacidade de reduzir volatilidade no câmbio e, provavelmente, fazendo operações adicionais aos swaps cambiais que vêm acelerando. O Bacen anunciou US\$ 10 bilhões a serem colocados na semana. O quadro político completamente indefinido amplia a percepção negativa dos investidores.

Parece claro que a alta dos juros no mercado americano direciona fluxo de emergentes para o exterior, mas nossa avaliação de saída de recursos do mercado se prende mais ao risco político local e à situação da economia, que sofre alguma degradação recente a partir do movimento dos caminhoneiros.

Seguimos acreditando que somente com algumas notícias positivas os mercados poderiam mostrar alguma recuperação. Uma possibilidade seria a Câmara conseguir votar a cessão onerosa do petróleo, uma discussão entre Petrobras e Tesouro, positiva para ambos. Ainda nessa linha, teríamos a privatização da Eletrobrás e venda de distribuidoras de energia. Mas seria preciso boas notícias na área macroeconômica e política, e isso parece bem mais complicado.

No ambiente externo, a situação parece algo resolvida e o maior risco de momento parece ser a lista de tarifação americana divulgada e acirramento das relações comerciais entre países. Não podemos esquecer que o quadro pior ocorre mesmo é no Brasil, já que o Nasdaq americano tem batido recordes sistemáticos de pontos, e outros mercados vêm reagindo de forma normal.

Avaliando pela ótica da análise técnica diríamos que o mercado não deveria perder o patamar de 70.800 pontos, situação que poderia provocar nova precipitação até algo próximo de 69.000 pontos.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>